



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

A MULHER-MÃE A PARTIR DOS DISPOSITIVOS AMOROSO E MATERNO EM UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO¹

**THE WOMAN-MOTHER FROM THE LOVING AND MATERNAL DEVICES IN A GENDER
PERSPECTIVE**

Jordana Appel Endl², Milena Hass Girardi³, Patrícia Borges Moura⁴

¹ Trabalho realizado para o Seminário de Iniciação Científica do Salão do Conhecimento da UNIJUI

² Acadêmica do curso de Direito da UNIJUI; E-mail: jordana.endl@sou.unijui.edu.br

³ Acadêmica do curso de Direito da UNIJUI; E-mail: milena.girardi@sou.unijui.edu.br

⁴ Mestre em Direito. Professora do Curso de Graduação em Direito da Unijui.

RESUMO

Este resumo expandido tem como objetivo abordar a construção social e cultural do “ser mulher”. Para tanto, faz-se uma análise a partir dos papéis de gênero que constituem uma mulher, por meio de importantes tecnologias de gênero, como os dispositivos amoroso e materno. Busca-se, ainda, demonstrar a relação do “ser mulher” com a maternidade que, por vezes, se apresenta de maneira compulsória.

Palavras-chave: Mulher. Dispositivo Amoroso. Dispositivo Materno. Gênero.

INTRODUÇÃO

A construção do “ser mulher” é feita socialmente a partir da perspectiva de gênero que leva em consideração papéis constituintes por meio de interferências sociais e culturais.

Desde os primórdios, a mulher era retratada já nas imagens sacras como um ser puro e possuidora do papel exclusivo da fecundidade, em que qualquer desmistificação desta imagem, ainda atualmente no século XXI, pode levar aquelas que se apresentarem diferentes a isto a um desprestígio social e a uma perseguição preconceituosa. Assim sendo, ao longo da história o corpo da mulher tem sido considerado monstruoso, ou seja, algo que incita o limite entre criação e corrupção, ordem e caos, civilização e barbárie (FERREIRA; HAMLIN, 2010).



Para tanto, a mulher foi condicionada à passividade em relação ao homem, o que demonstra, explicitamente, ao longo dos séculos, a verticalização do sistema que embasa as relações interpessoais e precariza a vida das fêmeas humanas.

Em associação ao acirramento da cultura patriarcal dentro do seio familiar, devido ao capitalismo que avançou e se desenvolveu, para que as mulheres sejam consideradas e reconhecidas como “mulheres legítimas”, essa concepção condicionou o papel feminino, desde a infância, à maternagem e, na vida adulta, à maternidade.

Para compreender melhor os processos de subjetivação da mulher, é fundamental incorporar os dispositivos de gênero, quais sejam, o dispositivo materno e o dispositivo amoroso, que assumem funções na compactuação com o pacto social “mulher, reprodutora e mãe”. Ademais, a ética do cuidado trata de um princípio positivo que é imposto às mulheres e naturalizado, tornando-as assim responsáveis pela família, casamento e reprodução da espécie por meio da colonização dos afetos. Assim, o presente estudo se detém em demonstrar a problemática do “ser mãe”, e em como a sociedade essencialmente patriarcal se apresenta nesse contexto, definindo um padrão de comportamento esperado da mulher, e determinando suas escolhas in(certas) a serem tomadas. Uma abordagem que se propõe a uma reflexão crítica e necessária acerca do “ser mulher” na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou o procedimento de pesquisa bibliográfica, com a realização de consultas em artigos científicos, livros e demais documentos pertinentes. O método de abordagem é o hipotético dedutivo, buscando a discussão da problemática central apresentada. Pela relevância material em relação aos assuntos abordados, o livro “Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação”, de autoria de Valeska Zanello, será utilizado como base para a contextualização dos termos abordados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pesquisa, pôde-se verificar que o “ser mulher” é formado a partir de processos subjetivos e mecanismos sociais e políticos que abordam determinadas formas de sentir e performar, pelos quais, para as mulheres, se destacam dois dispositivos importantes: o amoroso, que é mediado pelo ideal estético, e o dispositivo materno, regulado pela



maternidade. Para os homens, o caminho privilegiado da subjetivação é o dispositivo da eficácia, baseado na virilidade laborativa e sexual (ZANELLO, 2018).

Dessa maneira, para a mulher há a imposição de uma forma ideal, que deveria ser a de bela, recatada, do lar e virgem até o casamento. Este, por sua vez, se transformou em sacramento religioso no século XII, em um movimento de expansão política da Igreja Católica. Ademais, obediência ao marido e dedicação exclusiva à família são construções sociais que impuseram uma condição de vida submissa ao homem, caracterizando o papel da mulher. Em contrapartida, a liberdade sexual dada ao homem deixa como marca a poligamia consentida, sendo um pecado perdoável e expectável, pois o desejo sexual era um direito masculino assegurado e os valores que lhes eram exigidos se baseavam no *status*, nos bens e no nome de família (ZANELLO, 2018).

Em decorrência da subjetivação das mulheres em busca do amor dos homens por meio de um inatingível ideal de beleza, tornam-se mais vulneráveis, visto que o reconhecimento e a aprovação sociais se tornam uma obstinação. Têm-se a beleza como responsabilidade, como conquista pessoal. Naomi Wolf (1992) aponta o quanto houve assim uma passagem da prisão doméstica das mulheres a uma prisão estética.

Pode-se perceber, portanto, que o que está em jogo é a legitimidade da mulher como mulher, que precisa ser validada pelo olhar desejante de um homem, tendo a possibilidade de ser escolhida, ou pelo menos sentir que pode ser escolhida.

Para tanto, a maternidade, então, se refere à capacidade de procriar, enquanto a maternagem trata da capacidade de cuidar. E, nesse sentido, segundo Zanello (2018), há a necessidade de desassociar a maternidade da maternagem. Para a autora, a maternagem se faz presente em todos os seres humanos, que podem exercê-la consigo mesmos e/ou com o coletivo. Ainda, refere que “em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo, e principalmente, os homens” (ZANELLO, 2018, p. 84).

Enquanto os homens são legitimados como homens independentemente de serem pais, as mulheres se dedicam aos cuidados dos outros, como se fossem habilidades naturais. Dessa forma, a posição da mulher frente ao casamento explicita uma naturalização do acúmulo de tarefas (divididas sexualmente) por parte das mulheres.



Logo, conforme Zanello (2018), a maternidade enfrentou um auge da promoção da imagem da mãe, devota e em sacrifício, tendo que renunciar de seus outros interesses como mulher. Por outro lado, a maternidade adquire uma importância considerável, através do empoderamento colonizado que fazia com que se sentissem reconhecidas e úteis, transformando o dever em fonte de felicidade humana.

Há, assim, uma passagem da visão da mulher entre os séculos XVI, XVII e XVIII, de “diabo, sereia, perigosa” à essencialmente maternal. Substituiu-se a imagem de Eva (tentação, sensualidade) pela mulher assexuada, submissa e materna por natureza, Maria. Houve uma verdadeira domesticação da mulher e se vendeu a “ideia de uma falsa relação igualitária, baseada na dominação masculina e na consentida submissão feminina” (ZANELLO, 2018, p. 128/130).

À vista disso, o processo de colonização dos afetos femininos não foi homogêneo e se deu de formas diferentes entre as camadas populacionais. Todavia, houve um avanço significativo que tornou a mulher responsável pela família, casamento e procriação e, caso não atendesse a essas expectativas, sentia culpa. Fortalecendo essa idealização materna, a Medicina apresentou um discurso sobre o corpo feminino, que teria como função natural a procriação, como se o útero tivesse vontade própria e desejo de conceber. No mesmo sentido, o casamento foi considerado “antídoto” para a devassidão das mulheres. Tal discurso afirmou que toda a mulher poderia ser mãe e concluiu que a mulher não poderia ser outra coisa que não mãe. Assim, o aprendizado da maternagem, que antes vinha de um ambiente privado, doméstico, familiar, feminino (avós, mães, tias), passou a ambientes públicos e midiáticos, comandados por homens, por meio de um complexo sistema de tecnologias de gênero, que acarretam numa profunda generificação aos homens e, especialmente, às mulheres, que induzem e estimulam “eficientes ficções performativas e somáticas convencidas de sua realidade” (PRECIADO, 2008, p. 262).

Deste modo, fica evidente que o protagonismo do papel da mulher na reprodução da espécie apresenta obstáculos que se interpõem à maternidade livre, em detrimento de um conservadorismo patriarcal e de uma moral religiosa que insiste em comandar as vidas das fêmeas humanas. Logo, as mulheres são julgadas e se julgam como mulheres, e caso tenham filhos, são julgadas e se julgam pela mãe que são. A cobrança social com evidente peso patriarcal impõe à mulher que apresente resultados compatíveis com a perfeição inalcançável



em tudo aquilo que fizer, e que, de preferência, aos moldes que já estão enraizados na sociedade heteronormativa. Quando criança: se comporta, pois se é menina. Quando adolescente, mantém a postura, pois se é mocinha. Quando adulta, arrume um marido, dê a ele filhos e seja uma boa esposa. Há neste raciocínio um círculo vicioso, em que o papel da mulher é dar continuidade, sem sequer ser ela a viciada. Os viciados são essencialmente aqueles que estruturam o patriarcado, e é o patriarcado que vem a estruturar a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente resumo chega à conclusão de que o “ser mulher” está condicionado à maternidade que é, portanto, uma construção social, que, assim como o amor, passou por transformações ao longo do tempo. Da mesma forma, o sentimento materno também foi se naturalizando. Assim, a construção de uma mulher ideal passou, ao longo da história, a ser feita por meio de um poder constitutivo, criando na mulher um desejo de ser. Esse desejo de ser, condicionado à maternidade, repercute na vitória da mulher enquanto mulher, o que acarreta o sentimento de culpa das que não correspondem ao padrão imposto.

Considerando a importância de elucidar às mulheres sobre a estrutura gendrada em que se vive e que embasa as relações interpessoais, é que se apresenta a problemática para a discussão, a fim de empoderá-las e colocá-las a par do próprio futuro, com a intenção de que consigam fazer escolhas quanto ao seu estilo de vida ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, Jonatas; HAMLIN, Cynthia. **Mulheres, negros e outros monstros**: um ensaio sobre corpos não civilizados. Revista Estudos Feministas, v. 18, n. 3, 2010.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa-Calpe, 2008.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: Cultura e processos de subjetivação. 1. ed. - Curitiba: Editora Appris, 2018.